



Francis Dupuis-Déri

# A crise da masculinidade

*Anatomia de um mito persistente*

**Blucher**

# A CRISE DA MASCULINIDADE

*Anatomia de um mito persistente*

Francis Dupuis-Déri

Tradução

Paulo Victor Bezerra

*A crise da masculinidade: anatomia de um mito persistente*  
Título original: *La Crise de la Masculinité: autopsie d'un mythe tenace*

© Francis Dupuis-Déri & Éditions du remue-ménage, 2018  
Published with special arrangements with Julie Finidori Agency and The Ella  
Sher Literary Agency  
© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editor* Eduardo Blücher  
*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim  
*Produção editorial* Luana Negraes  
*Preparação de texto* Karen Daikuzono  
*Diagramação* Guilherme Henrique  
*Revisão de texto* Maurício Katayama  
*Capa* Leandro Cunha  
*Imagem de capa* iStockphoto

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março  
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Dupuis-Déri, Francis

A crise da masculinidade : anatomia de um mito  
persistente / Francis Dupuis-Déri ; tradução de  
Paulo Victor Bezerra. – São Paulo : Blucher, 2022.  
384 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-078-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-079-9 (eletrônico)

Título original: *La Crise de la Masculinité:  
autopsie d'un mythe tenace*

1. Masculinidade 2. Homens – Conduta  
3. Feminismo 4. Antifeminismo 5. Machismo  
I. Título. II. Bezerra, Paulo. Victor.

22-0721

CDD 305.31

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Masculinidade

# Conteúdo

Prefácio à edição brasileira	11
Introdução	33
1. Crise ou discurso de crise?	55
2. Pequena história da masculinidade em crise	79
3. O movimento de homens dos anos 1960 até os dias atuais	161
4. Os pais se mobilizam	215
5. Crise da masculinidade ou crise econômica?	243
6. A crise hoje: quais são os sintomas e quais são os discursos?	269
Conclusão	353
Advertências	377
Agradecimentos	379
Anexo	381

# Introdução

## A crise, sempre a crise

O homem está em crise, dizem.

O homem está em crise porque a sociedade está feminilizada, porque não há mais modelos masculinos e porque os pais são excluídos pelas mães dominadoras. Vários sintomas permitem diagnosticar essa crise da masculinidade, seja pelo fracasso escolar dos meninos, do desemprego dos homens, da dificuldade dos homens em seduzir as mulheres, seja pela violência das mulheres contra os homens, dos suicídios de homens cometidos por terem sido rejeitados e abandonados pelas mulheres.

O discurso da crise da masculinidade está disseminado a tal ponto que hoje se trata de um *clichê* ou de uma espécie de *lugar-comum*, como sublinham os especialistas da condição masculina na Austrália, no Canadá, nos Estados Unidos, na França, no Reino Unido e alhures. Estaria igualmente *na moda* falar em crise da masculinidade em países culturalmente diferentes, como China, Índia, Israel, Marrocos, entre outros.<sup>1</sup> Mesmo em um país que chega a se

---

1 Ver, entre outros autores, Jean-Jacques Courtine, “La virilité est-elle en crise?”, *Études*, vol. 416, n. 2, 2012, p. 175-185; Shereen El Feki, Brian Heilman, Gary Barker (Orgs.),

impor como a primeira potência do mundo, os Estados Unidos, as mídias de massa lamentam “O problema da difamação dos homens”, e se perguntam: O que querem os homens? Propondo uma “lista de leitura para a crise de identidade masculina”.<sup>2</sup> Guy Garcia, autor do livro *The decline of men (O declínio dos homens)*, afirma que os homens dos Estados Unidos são “demonizados, difamados” nas mídias e na publicidade, e que eles constituem “*uma espécie em extinção*”.<sup>3</sup> A situação não parece mais confortável em um país como a França, onde o campeão da polêmica Éric Zemmour afirmou em seu panfleto *O primeiro sexo* que, “diante desta pressão feminilizante, indiferenciada e igualitarista, o homem perdeu suas referências”, ele está “castrado” e acometido por “uma imensa desordem”.<sup>4</sup> Pior ainda, os homens franceses estariam “proibidos de falar” e “proibidos de existir”.<sup>5</sup>

Os colóquios se debruçam sobre esse fenômeno, artigos de revisão sabiamente o analisam e as enciclopédias sobre a masculinidade dedicam verbetes ao tema. Por parte da pesquisa universitária, a noção de crise da masculinidade é muitas vezes retomada sem que ela seja bem definida. Certos estudos da crise se inscrevem no próprio campo dos estudos feministas, mas contribuem para reforçar a certeza de que os homens estão em crise. Os livros de introdução ao feminismo e as enciclopédias dedicadas às mulheres trazem muitas páginas sobre esse tema, explicam que “há agora uma ‘crise da masculinidade’, [que] muitos homens se sentem desconcertados

---

*Understanding Masculinities: Results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES) – Middle East and North Africa, Le Caire-Washington, D.C., UN Women and Promundo-US, 2017, p. 263; Jennifer Lemon, “The Crisis of Masculinity and the Renegotiation of Power”, *Communicatio*, vol. 18, n. 2, 1992, p. 16-30.*

2 Brent J. Malin, *American Masculinity Under Clinton: Popular Media and the Nineties* “Crisis of Masculinity”, Nova York, Peter Lang, 2005, p. 8.

3 Guy Garcia, *The Decline of Men*, Nova York, Harper Perennial, 2009, p. xiii e xvi.

4 Éric Zemmour, *Le premier sexe*, Paris, Denoël, 2006, p. 75, 131 e 134.

5 *Ibid.*, p. 10.

e confusos e [que] o orgulho decorrente de ser um homem está mais desprezado do que em qualquer outro momento do passado recente”<sup>6</sup>

Na França, a psicóloga Pascale Molinier dirigiu, em uma perspectiva crítica, um dossiê sobre esse assunto para a revista *Mouvements*. Ela explicou que “está no espírito desse tempo dizer que os homens vão mal. É de bom tom incomodar-se com isso. O tema da crise da masculinidade vende bem” [grifo da autora].<sup>7</sup> Com efeito, os editores propõem um número surpreendente de obras sobre esse tema e algumas rapidamente se tornam *best-sellers* traduzidas em muitas línguas, como: *On men: masculinity in crisis (Onde estão os homens? A masculinidade em crise)*, de 2001, ou *The end of men: and the rise of women (O fim dos homens: e a ascensão das mulheres)*.<sup>8</sup> As editoras francófonas têm proposto, já há alguns anos, títulos como: *Échecs et mâles (Machos e fracassados)*, de 2005; *Vers la féminisation? (Rumo à feminilização?)*, de 2007; e *La domination féminine: réflexions sur les rapports entre les sexes (A dominação feminina: reflexão sobre as relações entre os sexos)*, de 2011. Documentários também participam da difusão dessa propaganda masculinista, como *The red pill (A pílula vermelha)*, *La machine à broyer les hommes (A máquina de moer os homens)* e *L’homme en désarroi (O homem em desordem)*.

---

6 Ronald F. Levant, “Men and Masculinity”, Judith Worell (Org.), *Encyclopedia of Women and Gender: Sex Similarities and Differences and the Impact of Society on Gender*, Nova York, Academic Press, 2001, p. 718-721; esse autor escreveu o artigo “The Masculinity Crisis”, *The Journal of Men’s Studies* (vol. 5, n. 3, 1997, p. 221-231). Ver também Mara Goyet, *Le féminisme raconté en famille*, Paris, Plon, 2007.

7 Pascale Molinier, “Déconstruire la crise de la masculinité”, *Mouvements*, n. 31, 2004, p. 24.

8 Outras obras discutem esse tema segundo diferentes perspectivas, sendo, entre várias outras: *The Myth of Male Power: Why Men Are the Disposable Sex* (1993); *Not Guilty: The Case in Defense of Men* (1993); *Masculinity in Crisis* (1994); *Crisis in Masculinity* (1995); *The Decline of Men* (2009) – cujo título lembra aquele do livro *The Decline of Males*, lançado em 1999, e *The Decline of the American Male*, lançado em 1958 – assim como *The Second Sexism: Discrimination Against Men and Boys* (2012).

Entre os promotores desse discurso da crise da masculinidade, se encontram personalidades públicas que gozam de uma grande visibilidade midiática, agentes públicos, atores políticos da extrema direita ou de forças progressistas, até mesmo filósofos marxistas e anarquistas, mulheres que se fingem pró-feministas, e mesmo mulheres (pós-)feministas,<sup>9</sup> algumas das quais são honradas com o título de madrinhas ou presidentas de grupos de homens. Esse discurso também é compartilhado por especialistas em intervenções sociais junto a homens. Tais discursos, aliás, se embasam geralmente em considerações (e em *clichês*) psicanalíticas, biológicas e genéticas, bem como antropológicas, sociológicas e teológicas. Enfim, é reproduzido por colunistas nas mídias e pelos *trolls* nas redes sociais e está frequentemente amalgamado, explicitamente ou não, a ideias homofóbicas e racistas.

O discurso da crise da masculinidade defende que os “verdadeiros homens” não devem ser sensíveis, trocar as fraldas e se preocupar com o prazer sexual das mulheres. Esse é notadamente o caso do texto da revista estadunidense *Details*, intitulado “Como *Desperate Housewives* está castrando a todos nós”, em referência à série televisiva que coloca em cena vizinhas de um bairro nobre. O autor desse texto se lamenta acerca de “tudo o que nós [homens] temos sacrificado e aceitado modificar em nós para nos enquadrarmos ao modelo tom pastel do homem sensível”. Segundo ele,

*nós não só sabemos como proporcionar um orgasmo a uma mulher, nós nos asseguramos que ela tenha um. Diabos, há agora um lugar para trocar fraldas nos banheiros dos homens. [...] Durante décadas, o mo-*

---

9 Denise Bombardier, *La dérouté des sexes*, Paris, Seuil, 1993; Françoise Hurstel, “Peut-on parler d’une crise de la masculinité?: Hommes-femmes-pouvoir”, *La Pensée*, n. 339, 2004, p. 5-17; Élisabeth Badinter, *Fausse route*, Paris, Odile Jacob, 2003.

*vimento de mulheres travou uma brilhante guerra de relações públicas, atacando a masculinidade que seria grosseira, retrógrada e até perigosa. Uma geração de homens perdidos vai à escola fazer cursos obrigatórios de prevenção ao estupro. A mensagem: o seu pênis é uma ameaça à sociedade. [...] Consequentemente, os homens se tornaram as novas mulheres, ao passo que as mulheres se tornaram os novos heróis.*<sup>10</sup>

Na França, autores conhecidos, como Éric Zemmour, afirmam que o momento é marcado pela

*superioridade evidente de “valores” femininos, a delicadeza acima da força, o diálogo acima da autoridade, a paz acima da guerra, a escuta acima da ordem, a tolerância acima da violência, a precaução acima do risco. [...] Os homens fazem o que podem para [...] se tornarem uma mulher como as outras. [...] A mulher não é mais um sexo, mas um ideal.*<sup>11</sup>

Em razão da “feminilização da sociedade”,<sup>12</sup> os valores ou princípios masculinos estariam depreciados, menosprezados, ridicularizados. Do mesmo modo, em Quebec, o colunista Mario Roy declarou no jornal *La Presse* que “os valores ditos femininos (interioridade, cautela, empatia, preservação, pacifismo) constituem hoje os padrões de medida a partir dos quais tudo é julgado. Isso não é um mal em si. O problema é que essas palavras relegaram

10 Kevin Gray, “How *Desperate Housewives* Is Castrating Us All”, *Details*, 2005 [<http://www.bykevingray.com/portfolios/how-desperate-housewives-is-castrating-us-all/>].

11 Éric Zemmour, *op. cit.*, p. 10-11.

12 Hanna Rosin, *The End of Men: Voici venu le temps des femmes*, Paris, Autrement, 2013, p. 13.

ao não dito e ao não respeitável as ações associadas aos valores ditos masculinos: lutar, arriscar, jogar, produzir, construir”.<sup>13</sup> Devemos compreender que uma verdadeira mulher não deveria jogar (!), produzir, *lutar*? De qualquer modo, essas palavras dão a entender que a *luta* feminista é bem pouco feminina... Mas por que concluir que seríamos nós, os homens, ameaçados pelo diálogo, pela doçura, pela tolerância e pela paz, sem esquecer das fraldas a serem trocadas e do orgasmo feminino?

O especialista em masculinidade Stephen M. Whitehead constatou que o discurso de crise da masculinidade (re)afirma permanentemente uma diferença e até mesmo uma oposição entre o masculino e o feminino, por meio, porém, de noções vagas e mal definidas, seja pelos estereótipos e clichês, como a “psiquê masculina”, a “identidade masculina inata”, a “natureza masculina”, ou por conceitos emprestados de maneira aleatória da psicanálise.<sup>14</sup> A título de exemplo, o psicoterapeuta Roger Horrocks, autor do livro *Masculinity in crisis*, afirma que

*a masculinidade para os homens tem uma função unificadora. Todo o espectro da masculinidade, do macho ao afeminado, tem isto em comum: traz uma mensagem do tipo “eu não sou uma mulher”. [...] A “masculinidade” nesse sentido é definida em oposição à “feminilidade”. O masculino é a negação do feminino.*<sup>15</sup>

Do mesmo modo, o psicólogo Yvon Dallaire pergunta “O que faz com que um homem seja um homem?”.<sup>16</sup> O discurso da crise da

13 Mario Roy, “Les masculinistes... et les autres”, *La Presse*, 11 maio 2008.

14 Stephen M. Whitehead, *Men and Masculinities*, Cambridge, Polity, 2002, p. 55-56.

15 Roger Horrocks, *Masculinity in Crisis*, Nova York, St. Martin’s Press, 1994, p. 33.

16 Yvon Dallaire, “L’homme ‘agit’ ses émotions”, Mario Proulx, *La planète des hommes*, Montréal, Bayard/Radio-Canada, 2005, p. 112.

masculinidade é, portanto, essencialmente misógino, já que o que é feminino é apresentado como um problema, uma ameaça, um elemento tóxico que afunda o masculino em crise, é aquilo que o destrói, que o transforma em seu contrário: o feminino.

Alguns até afirmarão que os homens que governam os Estados são guiados por valores femininos, como a empatia e o pacifismo. Os homens estão no poder, certamente, mas eles governam de maneira feminina e maternal. Michel Schneider, psicanalista e antigo diretor no Ministério da Cultura da França, lamentou “a maternalização do mundo”,<sup>17</sup> pois “mesmo os homens políticos, se assim podemos dizer, chegaram ao ponto de desposar as virtudes cardeais emprestadas das mulheres: tolerância, bondade, doçura e compaixão”.<sup>18</sup> Também aqui, uma oposição fundamental é (re)afirmada “entre o homem e a mulher, entre o masculino e o feminino, entre a atividade e a passividade, entre a heterossexualidade e a homossexualidade”.<sup>19</sup> O que permite afirmar que “as três funções do Estado: polícia, forças armadas, diplomacia” revelam “tradicionalmente um imaginário do pai”, mas podem se lamentar que hoje em dia o “Estado contemporâneo” se ocupa “do bem-estar dos cidadãos”<sup>20</sup> e que se transformou na “*Big Mother*, a mãe-Estado”.<sup>21</sup>

Materno, o governo ocidental? As sociedades passam, outrossim, por um longo período de redução dos serviços sociais e de ajuda

17 Michel Schneider, *Big Mother: Psychopathologie de la vie politique*, Paris, Odile Jacob, 2005, p. 11.

18 *Ibid.*, p. 11, 19-20.

19 *Ibid.*, p. 270.

20 *Ibid.*, p. 63.

21 *Ibid.*, p. 20. A expressão é retomada por Patrick Guillot, autor de *La cause des hommes: Pour une réelle équité sociale entre les sexes* e de *La misandrie: Histoire et actualité du sexisme anti-hommes*; e pelo psicanalista Jacques Arènes, que fala em termos de “*Big Mother enveloppante*” (*Lettre ouverte aux femmes de ces hommes (pas encore) parfaits...*, Paris, Fleurus, 2005, p. 140) e que também escreveu o livro *Y a-t-il encore un père à la maison?*.

aos desfavorecidos, ao passo que as autoridades se orientam pela obsessão em reduzir a dívida pública. O orçamento das forças armadas continua a inchar, e as unidades policiais, cada vez mais militarizadas, dispõem de um número crescente de instrumentos legislativos para combater o crime e o terrorismo. Milhões de pessoas apodrecem nas prisões ou nos centros de detenção como imigrantes ilegais. O Ocidente parece estar em guerra permanente contra a civilização muçulmana, promovendo operações que devastam regiões inteiras e massacram populações civis.

De fato, as referências aos valores maternais e femininos podem ser enganosas. O filósofo Michel Foucault estudou bem essa passagem de um Estado dominador a um Estado que cuida, contudo, ele não teve a necessidade de apelar à figura da mãe para a sua análise. Ao contrário, Foucault recorreu à figura masculina do pastor ou do ovelheiro que toma conta de seu rebanho, conta seus animais, controla seus deslocamentos e finalmente se assegura que eles estejam bem tosquiados para o abate. Resumindo, as metáforas e as analogias com o tema do feminino e do maternal podem frequentemente ser desconstruídas e até mesmo superadas.

Para superar a crise da masculinidade, por assim dizer, muito frequentemente se propõe a revalorização de uma identidade masculina tradicional associada a certas qualidades, bem como a papéis e funções na sociedade, na família e na relação conjugal. Um homem, um de verdade, é evidentemente heterossexual, autônomo, ativo, agressivo, competitivo e possivelmente violento. Pretende-se que esse modelo de masculinidade deva ser (re)valorizado para assegurar um desenvolvimento sadio dos meninos e homens e uma complementaridade equilibrada com as mulheres. Estas últimas devem aderir à identidade feminina tradicional, quer dizer, serem elas também heterossexuais, mas igualmente cuidadosas, atenciosas, cooperativas, pacíficas e doces – e dependentes dos homens. Essas identidades sexuais complementares determinariam quais profissões

são masculinas, como as forças armadas, polícia, bombeiros, piloto. Em 2006, a rádio France Culture propôs um programa intitulado “Crise da masculinidade hoje, mas que crise? O homem é uma mulher como as outras?”. O programa era anunciado no site da emissora de rádio da seguinte maneira: “Agora que as meninas vão, enfim, poder sonhar em *se tornar Presidente da República* sem que elas sejam interrogadas sobre sua sanidade psíquica, os meninos vão continuar a aspirar uma carreira no *corpo de bombeiros*? Ninguém mais está seguro [...] Até os *psis* atestam uma crise da masculinidade sem precedentes” [grifo nosso]. Apesar disso, doze anos depois, continua-se esperando a primeira mulher presidente da França e ainda há 95,5% de homens no corpo de bombeiros.<sup>22</sup>

Além do discurso, um verdadeiro movimento social se mobiliza pela causa dos homens. Éric Zemmour se alegra, aliás, com a emergência nos Estados Unidos de uma certa “vingança reacionária”, uma “revolução masculinista”, viril e neoconservadora.<sup>23</sup> Nos Estados Unidos, com efeito, a fundação da National Coalition for Men (Coalizão Nacional para os Homens) se deu em 1977. Essa organização se apresenta hoje como “o mais antigo grupo de homens engajados a pôr fim à discriminação do sexo”. Em junho de 2017, ou seja, quarenta anos após sua fundação, a organização National Coalition for Men apresentou em seu site um certo número de desafios importantes, incluindo o “viés anti-homens das mídias” e os homens vítimas de “violência doméstica”. A organização A Voice for Men (Uma voz para os homens), por sua vez, tem como missão “educar e encorajar os homens e os meninos a se elevarem acima do tumulto da misandria [ódio aos homens], rejeitar as exigências insanas do ginocentrismo [centramento no feminino] em todas as

22 Segundo o site do corpo de bombeiros da França [<http://www.pompier.fr/pompier/nous-connaître/chiffres-cles>] e Agnès Leclair, “Les femmes incitées à devenir pompiers”, *Le Figaro*, 15 nov. 2016.

23 Éric Zemmour, *op. cit.*, p. 132-134.

suas formas e promover o bem-estar mental, físico e financeiro dos homens, sem concessões nem desculpas.<sup>24</sup> A página principal do site da organização (acesso em junho de 2017) oferece uma contagem dos suicídios dos homens no mundo todo. A página editorial apresenta suas “10 políticas editoriais” das quais as duas primeiras são (1) pró-macho e (2) antifeminista, pois “o feminismo é uma ideologia corrompida, traiçoeira, odiosa e baseada no elitismo feminino e na misandria”.<sup>25</sup>

Esse movimento social, composto de ideólogos, militantes e organizações, é qualificado de movimento de homens, movimento pelos direitos dos pais ou de movimento hominista ou masculinista. Frente ao movimento feminista, o qual milita pela liberdade e igualdade de mulheres e homens, o *masculinismo* é um contramovimento que procura dificultar, parar ou fazer recuar o processo de emancipação das mulheres, em nome dos “direitos” e sobretudo dos interesses dos homens em relação às mulheres. Como todo movimento social, ele traz uma reivindicação, até mesmo um manifesto, tal como o *Manifesto masculinista*, difundido em um site italiano, que convoca à “emancipação dos homens da dominação feminina”,<sup>26</sup> e o *Manifesto masculino*, difundido pelo Círculo Masculino do México, o qual chama as mulheres a colaborarem com o machismo, estágio supremo da civilização. No Canadá, nos Estados Unidos e em muitos países da Europa, esse movimento faz *lobby* junto a políticos e convidam-se para participar de instâncias públicas e de

24 <https://www.voiceformen.com/policies/mission-statement/>

25 Citado em Michael Kimmel, “From Men’s Liberation to Men’s Rights: Angry White Men in the US”, *OpenDemocracy*, 9 jul. 2014 [<https://www.opendemocracy.net/5050/michael-kimmel/from-men%27s-liberation-to-men%27s-rights-angry-white-men-in-us>].

26 <http://www.uomini3000.it/68.htm> (agradeço a Marcos Ancelovici por esta reverência). Ver também Mara Vivesos Vigoya, “Les couleurs de la masculinité: expériences intersectionnelles et pratiques de pouvoir en Amérique Latine”, Paris, *La Découverte*, 2018, p. 182 e seguintes.

interesse público, como comissões parlamentares, além de incitar ações militantes individuais ou coletivas, como greves de fome, vigílias, manifestações, rebeliões e até mesmo intimidação. Muitas organizações desse movimento se apresentam publicamente como favoráveis à igualdade dos sexos, mas basta consultar seus estatutos, seus mandatos e seus objetivos para perceber que eles são geralmente muito críticos das feministas e da emancipação das mulheres, e que elas não são a favor da emancipação dos homens.<sup>27</sup>

Esse movimento tem uma dimensão transnacional, já que seus discursos e seus modos de organização e de ação são reproduzidos para além das fronteiras.<sup>28</sup> Isto posto, o masculinismo é fortemente influenciado pelo contexto local ou nacional dentro do qual ele evolui. Na Alemanha, por exemplo, a crise da masculinidade faz um laço com a história complexa do país, seja seu passado nazista, seja a experiência da Guerra Fria, enquanto se enfrentavam a Alemanha Ocidental liberal e a Alemanha Oriental soviética. Depois da queda do muro de Berlim, as feministas foram comparadas, nessas discussões na internet, aos antigos burocratas do regime soviético e à polícia secreta, a “polícia do pensamento”, ou ainda qualificadas de “feminazis”. Quanto aos homens pró-feministas, eles são taxados de *lila pudel* ou “poodle rosa”. A feminilização e a “castração” dos homens são deploráveis, assim como a perda dos valores masculinos. Portanto, não haveria mais pais ou heróis românticos, como os cavaleiros do Império Germânico, os exploradores e os grandes caçadores. Como acontece em outros países, as feministas são acusadas de mentir acerca da violência conjugal, e os centros de acolhimentos para mulheres vítimas de violência são apresentados como lugares de doutrinação onde os profissionais ensinam as mulheres a

---

27 Southern Poverty Law Center, “Misogyny: the Sites”, *Intelligence Report*, primavera 2012.

28 Hélène Palma, “La percée de la mouvance masculiniste en Occident”, 2008 [brochura sem editora].

odiarem os homens. Os endereços confidenciais dos centros de acolhimento foram todos tornados públicos.<sup>29</sup>

Os masculinistas podem cometer atentados, como na Austrália nos anos 1980, quando juízes do Tribunal da Família foram alvos de bombas, ou em 6 de dezembro de 1989 em Montreal, quando um homem jovem entrou em uma sala na Escola Politécnica armado com um fuzil semiautomático. Ele ordenou que os homens saíssem e apontou sua arma para as estudantes, as quais ele crivou de balas após gritar: “Eu odeio as feministas!”. Ele matou catorze mulheres e depois se suicidou antes da chegada da polícia. Esse terrorista trazia consigo uma carta na qual ele explicava: “Eu decidi enviar *ad patres* as feministas que sempre me estragaram a vida”. A carta tinha um anexo com dezenove nomes de mulheres que ele planejava assassinar, desde feministas que trabalhavam na política, na mídia e nos sindicatos, até a primeira mulher a se tornar bombeiro em Quebec e a primeira policial feminina de Montreal. Enquanto as mulheres e as feministas de Quebec choravam de medo, de dor e de raiva, a mídia frequentemente apresentava o assassino como uma vítima do feminismo e da emancipação das mulheres.

Sobre esse caso, um criminalista afirmou que “as mulheres se emancipam e muitos homens se sentem ameaçados”.<sup>30</sup> Quanto ao assassino, “nunca foi confirmada sua identidade de homem”, diagnosticou o psicólogo Guy Corneau, autor do célebre livro *Pai ausente, filho carente*, sem jamais ter encontrado o assassino nem ter avaliado sua ficha criminal.<sup>31</sup> A historiadora e socióloga Méli­ssa Blais lembrou que algumas pessoas chegaram a exaltar o terrorista,

---

29 Agradeço a Sébastien Tremblay por sua leitura dos textos a respeito do tema em alemão, em particular os artigos da revista *Emma*.

30 Pierre Landreville citado por Méli­ssa Blais em “*J’haïs les féministes!*”: le 6 décembre 1989 et ses suites, Montréal, Les Éditions du remue-ménage, 2009, p. 86.

31 Patrick Grandjean, “Marc Lépine: un cas de ‘père manquant, fils manqué’”, *La Presse* (Montréal), 3 dez. 1990, p. A3.

como os soldados do regimento aeroportuário do exército canadense que comemoraram e fizeram uma salva de catorze tiros em sua homenagem, ou ainda um montrealense que enviou ameaças de morte a 25 mulheres afirmando ser a “reencarnação” do terrorista. Um site foi consagrado ao assassino, apresentando-o como um herói e um mártir, sugerindo “que não é culpa somente das feministas, mas de todas as mulheres em geral, se as escolas fomentam a violência nos homens jovens”.<sup>32</sup> Vinte anos depois do atentado, um comentário publicado em um fórum de discussão do site da Radio-Canada explica que:

*as tragédias como a do Politécnico são imperdoáveis, mas, é preciso dizer, inevitáveis. A luta das mulheres por igualdade perturbou bastante os costumes e as mentalidades. Os homens mais fastidiosos [sic] a essa mudança “perderam a cabeça” e massacraram as mulheres para se vingar. Isso é imperdoável, mas, ao mesmo tempo, inevitável; as grandes mudanças, mesmo que para melhor, geralmente trazem algumas crises de adaptação e tragédias também [grifos nossos].*<sup>33</sup>

Muitos que fazem parte desse movimento recusam o qualificativo “antifeminista”, alegando serem verdadeiramente pela igualdade entre os sexos. No entanto, o feminismo é com muita frequência apresentado como a causa da crise da masculinidade. Por exemplo,

---

32 marclepine.blogspot.com, 30 out. 2009. Ver Mélissa Blais, “Marc Lépine: héros ou martyr? Le masculinisme et la tuerie de l’École polytechnique”, Mélissa Blais e Francis Dupuis-Déri (Orgs.), *Le mouvement masculiniste au Québec: l’antiféminisme démasqué*, Montréal, Les Éditions du remue-ménage, 2015 (2. ed.).

33 Barbara Debays, “Tragédie de Polytechnique: Marc Lépine, un tueur transformé en héros”, Radio-Canada, veiculado em 30 nov. 2009 [<http://www.radio-canada.ca/nouvelles/societe/2009/11/27/001-polytech-lepine-masculinistes.shtml#commentaires>].

muitas obras fazem referência desde a primeira linha ou da primeira página ao “feminismo”, ao “movimento feminista” ao “movimento de mulheres” ou à “emancipação feminina”, em suma, se referem a um movimento social que tem provocado nos homens “confusos” uma “crise existencial”. Nós afirmamos que os homens “receberam o feminismo de frente”,<sup>34</sup> que “a ordem masculina está atropelada como nunca” e que nós assistimos ao “fim do patriarcado”. O homem vítima de “misandria” é agora “tímido, quase mudo, dominado”. Os homens estão “feminizados” e até mesmo “castrados”!

Tais afirmações que qualificam o feminismo como uma ameaça extrema aos homens também são encontradas nas plataformas virtuais. No Quebec, por exemplo, um homem comparou o feminismo ao “estalinismo” e ao “nacional-socialismo alemão”, prevendo que a próxima etapa da “ditadura feminina [...] será talvez a construção de câmaras de gás”<sup>35</sup> para exterminar os homens. Esse homem era vice-presidente da Coalizão para a Defesa dos Direitos dos Homens do Quebec e autorizado, por esse título, a apresentar um memorial diante de uma comissão parlamentar que revisa o mandato do Conselho do Estatuto da Mulher do Quebec. As mídias afirmam que ele foi condenado por ameaça de morte e agressão contra sua ex-esposa. O tribunal lhe impôs um período probatório, o qual ele não respeitou; foi então condenado novamente a onze meses de prisão por ter assediado sua ex-esposa repetidas vezes por telefone. Ele declarou durante o processo que o sistema judiciário estava não somente corrompido, mas também orientado sistematicamente em favor das mulheres. Alguns membros da organização Fathers-4-Justice (F4J) assistiram à audiência em sinal de solidariedade. Em sua

---

34 No original, *de plein fouet*. A expressão *de plein fouet* tem o mesmo sentido de “frontalmente” ou “de braços abertos”, porém, a palavra *fouet* por si significa chicote, de modo que o autor faz aqui um jogo de duplo sentido [N.T.].

35 Hermil Lebel, “Misandrie institutionnalisée”, Indymedia-Nantes [http://nantes.indymedia.org/article.php3?id\_article=2946].

sentença, o juiz sublinhou que o tal homem se colocou a perseguir e culpar sua ex-esposa, os advogados, os juízes e o sistema judiciário por todas as suas decepções, mas não fazia qualquer autocrítica e não aceitava nenhuma responsabilidade quanto à sua situação.<sup>36</sup>

## *O patriarcado, ainda e sempre*

Esse discurso da crise da masculinidade está em descompasso com a relação entre os homens e as mulheres. Basta abrir os olhos para ver uma maioria de homens à frente dos Estados, mais precisamente em 175 dos 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU).<sup>37</sup> Os homens dirigem também a maior parte das principais instituições internacionais, incluindo a ONU, a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e diversas alianças militares. São

---

36 Christiane Desjardins, “La prison pour un membre de Fathers-4-Justice”, *La Presse*, 15 fev. 2006, p. A29. A apelação a esse julgamento será revertida em instância superior, pois o juiz considerou que o julgamento não foi suficientemente minucioso, mesmo reconhecendo a prova de culpa e a necessidade de um novo processo (Christiane Desjardins, “Un membre de Fathers-4-Justice gagne son appel sans livrer la dernière manche”, *La Presse*, 6 jul. 2007, p. A11). Esse caso também é discutido no site do F4J [<http://www.fathers-4-justice.ca/fr/mtl/affaireCamille.html>] (acessado em maio de 2006; esse site não estava mais ativo em 2018).

37 Em 2017, os homens eram maioria no parlamento de todos os países, da Ruanda à Bolívia: 56% dos deputados da Suécia, 62% na Bélgica, 63% na Alemanha, 68% na Argélia, 71% na França, 72% no Afeganistão, Israel e Peru, 74% no Canadá e 81% nos Estados Unidos; a maioria dos municípios era dirigida por homens: 82% nos Estados Unidos e 84% na França e no Quebec (Vyara Apostolova, Richard Cracknell, *Women in Parliament and Government*, Londres, House of Commons, 27 fev. 2017; Yves Raibaud, *La ville faite par et pour les hommes*, Paris, Belin, 2015, p. 75; *Égalité femmes hommes: portrait statistique, gouvernement du Québec*, 2016, p.103; <http://iknowpolitics.org/endiscuss/e-discussions/-women-mayors-women-elected-head-villages-towns-and-cities>).

os homens sozinhos, ou quase, que governam o mundo, quer dizer, que têm o poder de tomar as decisões que afetam as populações.

As mulheres são não somente minorias no parlamento, como fazem uso da palavra com menos frequência e por menos tempo que seus colegas masculinos,<sup>38</sup> e elas ainda não estão protegidas de sofrerem violência sexual, inclusive por parte dos deputados do próprio partido.<sup>39</sup> Em 2017, um deputado britânico conservador lamentou que havia apenas uma possibilidade “limitada” de trazer ao parlamento as questões tocantes aos homens. O legislativo britânico contava na época com 78% de homens.<sup>40</sup> Ele inclusive propôs que a Câmara dos Comuns aprovasse um Dia Internacional dos Homens. Assim, é possível ouvir um homem se queixar de que não há espaço suficiente para os homens em uma assembleia com quatro vezes mais homens do que mulheres.

Os homens estão também mais frequentemente à frente dos exércitos e das polícias, das grandes companhias privadas e públicas, incluindo as empresas multinacionais do setor do petróleo, automobilístico e farmacológico, nas câmaras de comércio, nos sindicatos e associações estudantis, nas universidades, nos templos de diversas religiões, nas mídias e até nas poderosas redes de criminalidade e de luta armada. O mundo ainda é um *boys' club*, como explica a feminista Martine Delvaux. Ela destaca que é efetivamente de poder que se trata: “não se trata somente de os homens ocuparem muitos lugares; trata-se de eles os ocuparem *juntos*. [...] O *boys' club* é um grupo coeso de amigos homens que se protegem entre si” [grifo da autora], pois eles detêm o poder e sabem “como consegui-lo, como

---

38 Naël Shiab, “L’Assemblée nationale est sexiste et en voici la preuve”, *L’Actualité*, 2 ago. 2016.

39 Jocelyne Richer, “Le phénomène d’inconduite sexuelle touche aussi les élues”, *Le Devoir*, 4 dez. 2017; Mylène Crête, “Les inconduites sexuelles n’épargnent pas le Parlement”, *Le Devoir*, 3 jan. 2018.

40 Vyara Apostolova e Richard Cracknell, *op. cit.*

conservá-lo”.<sup>41</sup> Uma outra feminista, Sarah Labarre, afirmou acerca do tema do *boys’ clubs* que

*ainda que as mulheres fossem admitidas, elas não passariam de uma minoria e deveriam se curvar às regras ditadas pelos rapazes. Agir como os rapazes. [...] O que caracteriza o boys’ club é essa solidariedade entre os homens que não têm o interesse de pôr o status quo em questão, ou de modificar suas regras para permitir uma verdadeira igualdade entre os sexos.*<sup>42</sup>

As riquezas também estão concentradas nas mãos dos homens. As dezessete pessoas mais ricas do planeta são homens.<sup>43</sup> Em 2016, o clube seletivo dos bilionários do planeta contava com 88% de homens.<sup>44</sup> Aproximadamente 70% de toda a riqueza mundial está nas mãos dos homens,<sup>45</sup> e eles possuem aproximadamente 80% das terras do planeta.<sup>46</sup> No domínio dos esportes, as competições masculinas são as mais prestigiadas, as mais rentáveis e que arrecadam a maior parte dos fundos públicos, como testemunha o apoio financeiro dado às

41 Martine Delvaux, “Décider entre hommes”, À *Bâbord!*, n. 62, dez. 2015-jan. 2016.

42 Sarah Labarre, “Les féministes, les réseaux sociaux et le masculinisme: guide de survie dans un *No Woman’s Land*”, MéliSSa Blais, Francis Dupuis-Déri (Orgs.), *Le mouvement masculiniste au Québec: l’antiféminisme démasqué*, Montréal, Les Éditions du remue-ménage, 2015 (2. ed.), p. 165.

43 <http://www.businessinsider.com/richest-people-world-billionaires-list-2017-11/#18-alice-walton-32>

44 Valentina Zarya, “The Percentage of Women Billionaires Compared to Men is Shrinking”, *Fortune*, 8 ago. 2016.

45 Megan Leonhardt, “Women’s Wealth Growing Faster Than Men’s”, *Money*, 7 jun. 2016 [<http://time.com/money/4360112/womens-wealth-share-increase/>].

46 Segundo o Fórum Econômico Mundial [<https://www.weforum.org/agenda/2017/01/women-own-less-than-20-of-the-worlds-land-its-time-to-give-them-equal-property-rights/>].

corridas automobilísticas de Fórmula 1. Nos Estados Unidos, as ligas esportivas profissionais masculinas não mistas oferecem aos jogadores salários médios anuais de 2 milhões de dólares para a National Football League (NFL) e de 6 milhões de dólares para a National Basketball Association (NBA). Já as líderes de torcida, ou *pom-pom girls*, que executam alguns passos de dança nas quadras ou campos, têm um salário médio de 1.250 dólares por ano, sendo menos de 5 dólares por hora.<sup>47</sup>

Sem dúvida, não são todos os homens que são ricos; mesmo assim nós temos geralmente mais dinheiro no bolso que as mulheres, os empregos de melhor salário e maior prestígio e até mesmo as parcelas do seguro-desemprego e aposentadoria maiores. O trabalho (gratuito) das mulheres na realização do cuidado parental e doméstico é uma das principais causas dessa diferença.<sup>48</sup>

Por outro lado, pode ser que não haja nada mais do que dinheiro e trabalho na vida: nos Estados Unidos, os homens gozam de aproximadamente cinco horas a mais de tempo livre por semana do que as mulheres. Eles se dedicam, por exemplo, a assistir à televisão e praticar esportes. Se um casal heterossexual tem filhos, a diferença é de aproximadamente três horas a mais de tempo livre por semana para o pai, o que se constata também em outros países, como a França.<sup>49</sup>

Portanto, as mulheres são, em geral, menos *livres* que os homens. Elas se obrigam a seguir as decisões políticas, econômicas e culturais

---

47 Kurt Badenhausen, “The Average Player Salary and Highest-Paid in NBA, MLB, NHL, NFL and MLS”, *Forbes*, 15 dez. 2016; Olga Khazan, “The Shockingly Low Salaries of Professional Cheerleaders”, *The Atlantic*, 24 jan. 2014.

48 Anna Brown, Eileen Patten, “The Narrowing, But Persistent, Gender Gap in Pay”, *Pew Research Center*, 3 abr. 2017 [<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/03/gender-pay-gap-facts/>].

49 “Another Gender Gap: Men Spend More Time in Leisure Activities”, *Pew Research Center*, 10 jun. 2013 [<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2013/06/10/another-gender-gap-men-spend-more-time-in-leisure-activities/>]; Julia Kadri, “Les femmes ont moins de temps libre que les hommes”, *Marie Claire*, 3 abr. 2017.

tomadas pelos homens. Elas têm menos acesso que eles à tribuna para se exprimirem publicamente. Elas sabem que algumas profissões de prestígio são pouco abertas às candidatas mulheres, de tal modo que elas nem ousam se candidatar. Por medo dos homens, elas evitam se aventurar sozinhas em alguns bairros para passear, trabalhar ou residir. Um homem pode ter medo de andar nas ruas, mas por receio de outros homens, e não de mulheres. Os homens estão tão mais presentes no ciberespaço a ponto de nos remeter a uma “manosfera”, onde se exprime uma misoginia e um antifeminismo particularmente vingativos.

Em termos simbólicos e de representação, as características ditas masculinas são valorizadas, entre outros lugares, nas estratégias de comercialização de produtos. Se por um lado alguns se incomodam que os homens se depilem ou ostentem brincos nas orelhas, por outro podemos logo notar a moda do exercício físico nas academias, o retorno da barba ou ainda a lógica do mercado de produtos de higiene corporal. Os nomes dos desodorantes para homens se referem ao esforço esportivo, como “esporte intenso” e “jogo de poder”, ao gosto da aventura em regiões hostis, como “força do ártico”, e ao desenvolvimento da força bruta, como “adrenalina” ou “gel do poder”. Aí está o quanto existe a valorização de uma imagem masculina associada à ação, à força e ao poder, mesmo em uma atividade tão insignificante como passar desodorante nas axilas. Para as mulheres, os nomes de desodorantes evocam a doçura da natureza (“jardim de seda”, “pura pera”), o romantismo *kitsch* (“beleza da baunilha”, “cereja apaixonada”), a maternidade ou a infantilização (“pó para bebê”). A mesma situação se constata na seção de lâminas para os homens: “força5”, “poder de fusão”, “Mach3”. Ao fazer a barba, o homem deve ter a impressão de estar no comando de um foguete, de um avião de guerra ou de um carro de corrida. Por outro lado, os nomes das lâminas femininas evocam um ideal típico de beleza (“vênus”, “sol cítrico”) ou de uma forma de inteligência associada ao

feminino (“intuição”). Tudo isso é ridículo, mas prova, contudo, que a feminilização dos homens não está em curso, antes o contrário.<sup>50</sup>

A (re)valorização da masculinidade convencional se realiza igualmente por meio da publicidade de carro e bancos, a moda do vestuário paramilitar, a expansão do volume muscular dos heróis nos filmes e desenhos animados desde os anos 1950-1960.<sup>51</sup> As lojas de brinquedos infantis promovem, para meninos de quatro a seis anos, as “fantasias de super-heróis musculosos”. Isso não basta? Há ainda os videogames de guerra e a guerra real.

As próprias cidades são masculinas, de modo contrário ao que frequentemente se afirma. Em seu blog, Aruna Sankaranarayanan estudou os nomes de ruas de sete grandes cidades do mundo, e em Londres, Nova Deli, Paris e São Francisco, pôde-se constatar que os nomes das mulheres não somam mais do que 27,5% das ruas.<sup>52</sup> A inequidade é tão flagrante que os grupos feministas renomearam clandestinamente ruas e praças na Eslovênia, na Bósnia-Herzegovina e na Croácia, optando por nomes como Simone de Beauvoir, Dia Internacional das Mulheres, Lésbicas.<sup>53</sup> Nas cidades da França, 75% das verbas públicas para as atividades de lazer de jovens são destinadas a atividades praticadas majoritariamente ou unicamente pelos meninos, que utilizam bem mais do que as meninas esses espaços públicos, como quadras de basquete e pistas de skate.<sup>54</sup>

---

50 Marcas identificadas em uma farmácia de Montreal.

51 Observa-se isso facilmente vendo as novas versões dos filmes produzidos há quarenta ou cinquenta anos: os soldados americanos do filme *O dia em que a terra parou* não têm o mesmo porte físico na versão original de 1951 e naquela de 2008; a mesma situação acontece com Batman na série televisiva dos anos 1960 e nos filmes dos anos 2000.

52 Aruna Sankaranarayanan, “Mapping Female versus Male Street Names”, *Mapbox*, 3 nov. 2015 [<https://www.mapbox.com/blog/streets-and-gender/>].

53 Hvala Tea, “Streetwise Feminism: Feminist and Lesbian Street Actions, Street Art and Graffiti in Ljubljana”, *Amnis*, n. 8, 2008 [<https://amnis.revues.org/545>].

54 Yves Raibaud, *op. cit.*, p. 16-17.

Contrariamente ao que afirma o discurso da crise da masculinidade, nós – os homens – não carecemos de modelos masculinos convencionais nas representações midiáticas e culturais: numerosos são os presidentes e primeiros-ministros (Emmanuel Macron, Vladimir Putin, Justin Trudeau, Donald Trump), os generais de guerra e seus inimigos de ontem até os dias de hoje (Alexandre, Attila, César, Napoleão, Osama Bin Laden etc.), os reis, os imperadores e os grandes chefes de Estado (Churchill, Kennedy, De Gaulle, Mitterrand), os ícones revolucionários (Washington, Danton e Robespierre, Bolívar, Lenin, Mao, Che Guevara, Sakara), os grandes exploradores e conquistadores (Marco Polo, Cristóvão Colombo e Neil Armstrong), os heróis da literatura e do cinema (os dez homens da comitiva do *Senhor dos Anéis* passando por Ulisses, os Três Mosqueteiros, Cyrano de Bergerac, James Bond e super-heróis como Batman e Harry Potter). Para nos provar que o homem é inteligente, nós podemos nos referir aos sábios célebres, de Leonardo Da Vinci a Albert Einstein. Para nos convencermos que o homem tem talento, nós podemos nos identificar com artistas de renome, como Bach, Mozart e Beethoven na música ou Michelangelo, Renoir, Dali e Picasso nas artes visuais e visitar museus como o Metropolitan em Nova York, onde 95% das obras expostas na seção de arte moderna são assinadas por homens, embora 85% das ilustrações de corpos nus representem mulheres.<sup>55</sup> Mesmo os agressores, estupradores ou assassinos de mulheres são apresentados como gênios, da economia (Dominique Strauss-Kahn), nas artes (Woody Allen, Bertrand Cantat, Roman Polanski), na filosofia (Louis Althusser) ou nos esportes (O.J. Simpson, Mike Tyson). Se ainda estamos em falta de modelos, nós podemos enfim nos direcionarmos a Deus, seus profetas e seus grandes padres. Deus, criador absoluto e todo-poderoso, a cuja imagem e semelhança os homens são feitos. O que mais se pode querer de modelos masculinos? Como destacou a feminista Kate Millett: “O patriarcado tem Deus do seu lado. Um de

---

55 Helena Reckitt (Org.), *Art et féminisme*, Paris, Phaidon, 2005, p. 153.

seus agentes de controle mais eficientes é o caráter maravilhosamente cômodo de sua doutrina sobre a natureza e origem da mulher.<sup>56</sup> “Se Deus não basta, ainda tem o Diabo. Em suma, os homens não carecem de modelos de masculinidade convencional – simbolizado pela força, pela luta, guerra etc. –, está muito bem representado na cultura popular. É necessário acrescentar a esses modelos de grupos aqueles como o Fathers-4-Justice, que se apresentam como heróis da classe masculina, apresentando frequentemente suas ações explosivas fantasiados de super-heróis.

Nós poderíamos imaginar uma terrível “crise da feminilidade” diante de uma tal inequidade institucional, material e simbólica entre os homens e as mulheres. É por isso que o movimento feminista busca essas mobilizações em diversas frentes segundo perspectivas mais ou menos radicais. Ou ainda, o discurso da crise da masculinidade é utilizado ao mesmo tempo para explicar, justificar e chamar à mobilização os homens contrários à emancipação das mulheres e às feministas. É bem evidente as diferenças de intenção e de posições ideológicas entre os adeptos desse discurso. Apesar dessas distinções, eles formam um coro de vozes bem fortes que se põem a gritar que há realmente uma crise da masculinidade e que as responsáveis por isso são as mães monoparentais, as mulheres emancipadas em geral e as feministas em particular. Este livro apresenta esse discurso ao longo da história e na atualidade, se interessa por essa significação política e social e seus efeitos possíveis acerca do movimento feminista e acerca das relações entre homens e mulheres.

---

56 Kate Millet, *La politique du mâle*, Paris, Stock, 1971 [1969], p. 67.

# 1. Crise ou discurso de crise?

Uma pesquisa rápida<sup>1</sup> sobre o tema da crise da masculinidade nos levou a uma constatação espantosa: essa crise remonta desde a Roma Antiga até os reinos da Inglaterra e da França no fim da Idade Média. Encontra-se na Inglaterra do século XVIII e na França da Revolução de 1789, tanto entre os monarquistas quanto entre os republicanos e nas colônias europeias. O Império Germânico também foi tocado pela crise no começo do século XIX tanto quanto na Alemanha da virada do século XX. A crise se alastrou pelas colônias britânicas e pelos Estados Unidos e França ao fim do século XIX e começo do século XX; pela Alemanha entre as duas Guerras Mundiais, assim como pela Itália e Estados Unidos; nos anos 1950 e 1960 nos Estados Unidos, na Alemanha Oriental e na União Soviética até os anos 1970. Desde os anos 1990, ela se difundiu por quase todo o Ocidente,

---

1 As bases de dados utilizadas para esta pesquisa são Google, ProQuest Dissertations and Theses e ResearchGate, com a ajuda de palavras-chave (em inglês e francês) “crise de la masculinité” e “crise des hommes”. Obrigado a Stéphanie Mayer pela ajuda na pesquisa. Ver Anexos para os estudos de caso de cada país em particular.

incluindo a Rússia pós-soviética e países muito prósperos como a Suíça, nos mais conservadores e influenciados pelo catolicismo como a Irlanda e Polônia, bem como naqueles onde a igualdade entre os sexos é considerada como já adquirida, como a Suécia. Em certos casos, há categorias específicas de homens que sofrem de uma crise de masculinidade, por exemplo, os jovens muçulmanos de origem paquistanesa que vivem na Escócia. Até mesmo os documentos da Comissão Europeia se referem à problemática da crise da masculinidade. Em suma, os homens no Ocidente são constantemente tomados por uma sociedade sempre muito feminilizada, qualquer que seja o regime político (feudal, colonial, capitalista, soviético etc.) e as leis que configuram o direito da família.

Fora do Ocidente, a masculinidade estaria hoje em crise no Magrebe, particularmente no Marrocos e na África subsaariana, mais isoladamente na Costa do Marfim, no Senegal junto aos Wolofs, no Quênia junto aos Kikuius, na Tanzânia, na África do Sul e até mesmo no Darfour em guerra. Os homens da América Latina e da Ásia não estariam isentos, notadamente no Bangladesh, na China, no Japão e na Mongólia. Uma crise da masculinidade teria igualmente abatido os iranianos no fim dos anos 1970, e os palestinos nos campos de refugiados e em Israel. A crise não se limita às fronteiras dos Estados, já que é possível afirmar que há “uma crise mundial da masculinidade negra”,<sup>2</sup> assim como a masculinidade muçulmana. Enfim, segundo o cardeal alemão Paul Josef Cordes, “a masculinidade e mais especificamente a paternidade estão em crise” em todas as partes do mundo por causa do “feminismo radical”.<sup>3</sup>

---

2 Jordanna Matlon, “Racial Capitalism and the Crisis of Black Masculinity”, *American Sociological Review*, vol. 81, n. 5, 2016, p. 1014-1038.

3 Declaração feita nas Filipinas em 2009. Lito Zulueta, “Feminism Blamed for ‘Erosion of Manhood’”, *Philippine Daily Inquirer* [listado no site: CNNiReport – <http://ireport.cnn.com/docs/DOC-257794>] (acesso em jan. 2018).

Essa espantosa recorrência no tempo e no espaço nos força a nos questionarmos, junto com a historiadora Judith A. Allen, se “os homens não estão interminavelmente em crise”.<sup>4</sup> Esse questionamento é encontrado também nos homens especialistas em masculinidade, como William F. Pinar, que se pergunta “como podemos utilizar o conceito de ‘crise’ quando esta não pode ser delimitada no tempo”, quando “a masculinidade está em crise desde as origens misteriosas da humanidade”.<sup>5</sup> Michael Atkinson afirma, em seu livro *Deconstructing men and masculinities* (*Desconstruindo os homens e as masculinidades*), que “a crise da masculinidade é uma questão de percepção, e não uma realidade objetiva”.<sup>6</sup> Um outro especialista em masculinidade, Arthur Brittan, indica que a noção de crise da masculinidade carece de precisão e deve ser utilizada com prudência, pois ela simplifica a realidade e leva a pensar que “todos os homens estão em crise” e que “todos os homens têm a mesma sensação de uma identidade coletiva” masculina, qualquer que seja sua idade, sua classe social e sua condição econômica, a cor de sua pele, sua preferência sexual, sua condição de cidadania etc.<sup>7</sup>

### *Representação ou realidade?*

Judith A. Allen deduz de sua análise de vários estudos sobre a crise da masculinidade na história dos Estados Unidos alguns elementos de reflexão que podem ajudar a aproveitar melhor a lógica das crises do tempo presente.

---

4 Judith A. Allen, “Men Interminably in Crisis? Historians on Masculinity, Sexual Boundaries, and Manhood”, *Radical History Review*, n. 82, 2002.

5 William F. Pinar, *The Gender of Racial Politics and Violence in America: Lynching, Prison Rape, and the Crisis of Masculinity*, Nova York, Peter Lang, 2001, p. 1139-1140.

6 Michael Atkinson, *Deconstructing Men and Masculinities*, Nova York, Oxford University Press, 2001, p. 12.

7 Arthur Brittan, *Masculinity and Power*, Oxford, Wiley-Blackwell, 1989, p. 183.

Primeiramente ela constatou que os estudos históricos das crises da masculinidade se limitam muito frequentemente à análise de textos de época, seja de cartas pessoais, de autobiografias e de obras de ficção como romances.<sup>8</sup> Se é interessante estudar esses textos, também é necessário, todavia, não os confundir com a realidade política, econômica, social e cultural de uma época. Os personagens de romances, por exemplo, podem encarnar as angústias ligadas à masculinidade sem que esse problema seja realmente compartilhado por homens que vivem na mesma época em que o texto foi escrito. Na França, o especialista em história cultural André Rauch vai ainda mais longe; na introdução de seu trabalho *Crise de l'identité masculine: 1789-1914 (Crise da identidade masculina: 1789-1914)*, ele escreve que “os dados sobre os quais se apoia esse estudo – o diário íntimo, a crônica, o conto autobiográfico, a correspondência, as memórias e suas ramificações ou suas extrapolações nos jornais, nos romances ou no teatro de revista – são bem frágeis” [grifo nosso].<sup>9</sup> Jie Yang,

---

8 Ver Robert J. Corber, *Homosexuality in Cold War America: Resistance and the Crisis of Masculinity*, Durham-Londres, Duke University Press, 1997; Sally Robinson, *Marked Men: White Masculinity in Crisis*, Nova York, Columbia University Press, 2000. Para análise de filmes, ver, para a França, Phil Powrie, *French Cinema in the 1980s: Nostalgia and the Crisis of Masculinity*, Oxford, Oxford University Press, 1997; para a Romênia, ver “The Crisis of Masculinity in Post-Socialist Society”, no livro de László Strausz, *Hesitant Histories on the Romanian Screen*, Londres, Palgrave Macmillan, 2017, p. 209-238. Ver também Charles Hatten, “The Crisis of Masculinity, Reified Desire, and Catherine Barkley in ‘A Farewell to Arms’”, *Journal of the History of Sexuality*, vol. 4, n. 1, 1993, p. 76-98; Brian Woodman, “Why Don’t You Take Your Dress Off and Fight Like a Man?: Homosexuality and the 1960s Crisis of Masculinity in The Gay Deceivers”, *Social Thought & Research*, vol. 26, n. 1-2, 2005, p. 83-102; e, para televisão: “Stéfany Boisvert, Le trouble silencieux des hommes en série: La ‘masculinité en crise’ dans les séries télévisées dramatiques nord-américaines centrées sur des personnages masculins”, *Genre en séries: cinéma, télévision, médias*, n. 5, 2017, p. 213-246.

9 André Rauch, *Crise de l'identité masculine 1789-1914*, Paris, Hachette, 2000, p. 7-8.

especialista da China contemporânea, nota, por sua vez, que os estudos acadêmicos sobre a crise da masculinidade naquele país se interessam sobretudo pelas representações culturais, afirmando que “essa abordagem pode criar a ilusão de que aquilo que é representado nos textos literários é um reflexo adequado daquilo que ocorre na realidade social”.<sup>10</sup>

As análises da crise da masculinidade fazem frequente referência aos filmes para demonstrar que os homens estão em desordem; filmes como *Clube da luta*, que coloca em cena os homens querendo retomar o controle de suas vidas por meio da luta de boxe; *Kramer vs. Kramer*, que conta a história de um pai separado vivendo sozinho em Nova York com seus filhos pequenos; *Quartier Mozart*, que traz uma cena de desaparecimento mágico de pênis na África pós-colonial, no Camarões;<sup>11</sup> o documentário indiano de Anand Patwardhan *Father, son and Holy War (Pai, Filho e Guerra Santa)*, o qual se propõe a explicar a violência intercomunitária por meio de uma crise da masculinidade.<sup>12</sup>

A crise afetaria às vezes não somente os personagens de filmes de ficção, mas também os próprios atores. O ator Michael Douglas ficou famoso encarnando homens às voltas com mulheres dominadoras em filmes como *Atração fatal* e *Assédio sexual*. Em 2015, ele vem à mídia se lamentar de “uma crise nos jovens atores” dos Estados Unidos, os quais teriam deixado o campo livre aos australianos que não hesitam em encenar “a masculinidade. Nos Estados Unidos, nós temos aquela zona relativamente assexual ou unissex com homens

---

10 Jie Yang, “The Crisis of Masculinity: Class, Gender, and Kindly Power in Post-Mao China”, *American Ethnologist*, vol. 37, n. 3, p. 559, nota de rodapé 12.

11 Samuel Lelièvre, “Les cinémas africains à l’AEGIS 2005” [<http://www.africultures.com/php/index.php?nav=article&no=4154>].

12 Rustom Bharucha, “Dismantling Men-Crisis of Male Identity in ‘Father, Son and Holy War’”, *Economic & Political Weekly*, vol. 30, n. 26, 1995, p. 1610-1616.

jovens e sensíveis” que carecem de machismo.<sup>13</sup> Já em 1960, John Wayne, ator conhecido por sua virilidade e seus papéis de *cowboy*, afirmou que “há 10 ou 15 anos [portanto, por volta de 1945], as pessoas queriam ver filmes nos quais os homens se comportavam como homens. Hoje há muitos papéis psicológicos”.<sup>14</sup> De John Wayne a Michael Douglas, uma crise da masculinidade assolaria o cinema dos Estados Unidos há mais de cinquenta anos, ou seja de 1960 a 2015.

Deve-se crer em suas palavras?

Em 2017, nos Estados Unidos, a indústria do cinema pagava bem melhor os atores do que as atrizes, melhor ainda os homens que faziam papéis de super-heróis ou heróis de filmes de ação, policial, de guerra e de ficção científica. O ator mais bem remunerado (Mark Wahlberg) embolsou 68 milhões de dólares em cachê, enquanto a atriz mais bem remunerada (Emma Stone) ficou com 26 milhões. Os dez atores que tiveram o mais alto rendimento no ano ganharam uma soma total de 489 milhões de dólares, enquanto suas colegas do sexo feminino tiveram um ganho de 173 milhões. Em termos de visibilidade, as mulheres não representaram mais do que 29% de todos os papéis com falas nos filmes de 2016, e somente 25% dos papéis de personagens de 40 anos ou mais.<sup>15</sup> Tudo isso sem esquecer as violências sexuais na indústria do cinema, cuja recorrência foi revelada ao público pela campanha de denúncia pública #MeToo, em 2017.

---

13 Jack Shepherd, “Michael Douglas: ‘Social Media Obsession is to Blame for Crisis in Young American Actors’”, *Independant*, 8 jul. 2015; Jeff Labrecque, “Michael Douglas on ‘Beyond the Reach’ and the ‘Crisis’ in American Acting”, *REntertainment Weekly*, 13 fev. 2015.

14 Jeet Heer, “One Hundred Years of Male Humiliation: the Perpetual Crisis of Masculinity”, *Maisonneuve*, 13 maio 2005 [<https://maisonneuve.org/article/2005/05/13/one-hundred-years-male-humiliation/>].

15 Natalie Robehmed, “The World-Highest-Paid Actors’s and Actresses 2017: Mark Wahlberg Leads with \$68 million”, *Forbes*, 22 ago. 2017.

Judith A. Allan também constatou que os estudos sobre a crise da masculinidade não expõem ou que muito raramente trazem indicadores para determinar se uma sociedade é (muito) feminilizada e se os homens estão (realmente) em crise. Consideremos, então, dois trabalhos lançados recentemente nos Estados Unidos: *The Decline of Men* (*O declínio dos homens*) e *The End of Men* (*O fim dos homens*). Esses dois trabalhos mencionam o fenômeno dos homens “herbívoros” no Japão, os *soushoku danshi* ou “meninos comedores de vegetais”, sem defesa em face das mulheres “carnívoras” ou “predadoras”.<sup>16</sup> Segundo esses livros, esse fenômeno – que é objeto de inúmeros artigos na imprensa popular japonesa – comprova que a questão da masculinidade assola o Japão. Por outro lado, esses dois livros não oferecem a menor informação a respeito do lugar ocupado por japoneses e japonesas no governo, no parlamento e nos conselhos de administração de grandes companhias. Esses dois livros não fornecem nenhuma especificidade quanto à divisão de grandes fortunas entre os sexos, quanto à propriedade imobiliária, ao trabalho doméstico e parental. Quem cuida física e emocionalmente dos avós, das crianças e dos doentes? Mistério. A discussão a respeito dos “comedores de vegetais” deixa na penumbra outras tendências masculinas observadas no Japão já há alguns anos. Keichi Kumagai fala, por sua parte, dos *otaku*, jovens apaixonados por computadores e *videogames*, e das jovens mulheres fantasiadas de personagens famosas como “os mestres de volta para a casa”, assim como os neonacionalistas que se insurgem contra a imigração e a presença de uma comunidade coreana no Japão desde a primeira metade do século XX e que procuram revalorizar o glorioso passado do país e sua potência militar. Esse estudo afirma também que, apesar de alguma dificuldade econômica, as

---

16 Hanna Rosin, *The End of Men: Voici venu le temps des femmes*, Paris, Autrement, 2013, p. 10.

mulheres, muito mais do que os homens, devem se contentar com empregos de meio período.<sup>17</sup>

O livro *The End of Men* evoca também “o surgimento de mulheres homicidas ou de ‘caçadoras’ de Wall Street”,<sup>18</sup> ou seja, as corretoras particularmente agressivas. Por outro lado, ele não apresenta o retrato global do meio financeiro de Nova York. Nesse mesmo espírito, um estudo do romance *Psicopata americano*, que coloca em cena um conselheiro financeiro de Nova York que agride mulheres, apresenta esse personagem como representativo da crise da masculinidade.<sup>19</sup> Contudo, esse estudo se limita ao romance e não traz nenhuma especificação quanto às relações entre os sexos em Nova York, incluindo o domínio financeiro: quem ocupa os postos de direção dos grandes bancos, quem gere as mais importantes carteiras, quem é o mais rico e quem faz os trabalhos sujos, ou seja, servir as refeições aos corretores multimilionários e limpar seus escritórios e suas casas na ausência deles? E, sobretudo: quem agride quem?

Resumindo, a historiadora Judith A. Allen considera que é preferível fazer o *discurso* da crise da masculinidade ao da crise real.<sup>20</sup> As reflexões da historiadora ecoam aquelas do especialista em literatura Bryce Traister, que constatou que o discurso da crise da masculinidade representa um apelo a “reestabelecer as normas e as práticas masculinas hegemônicas, estáveis e imutáveis”.<sup>21</sup> Mais especificamente, ele considera que é particularmente problemático

---

17 Keichi Kumagai, “Floating Young Men: Globalization and the Crisis of Masculinity in Japan”, *HAGAR: Studies in Culture, Policy and Identities*, vol. 10, n. 2, 2012, p. 3-15.

18 Hanna Rosin, *op. cit.*, p. 14.

19 Mark Storey, “And as Things Fell Apart”: The Crisis of Postmodern Masculinity in Bret Easton Ellis’s *American Psycho* and Dennis Cooper’s *Frisk*”, *Critique*, vol. 47, n. 1, 2005, p. 57-72.

20 Judith A. Allen, *op. cit.*, p. 202.

21 Bryce Traister, “Academic Viagra: the Rise of American Masculinity Studies”, *American Quarterly*, vol. 52, n. 2, 2000, p. 287.

crer que os personagens de ficção masculinos que violentam e assassinam as mulheres encarnam uma crise da masculinidade. Assim, um estudo sobre o cinema produzido em Hong Kong evoca uma crise da masculinidade mesmo que ele defina que os heróis são os homens, que as mulheres quase não falam e que elas são geralmente assassinadas por um marido ciumento ou violentadas e eliminadas pelos *gangsters*.<sup>22</sup> Bryce Traister faz uma confidência: “Eu simplesmente não compreendo mesmo em que essa masculinidade detestável e cheia de crimes pode ser considerada como vítima de uma ‘crise’ comparável àquelas de suas vítimas”<sup>23</sup> violentadas ou assassinadas. A ficção encontra a realidade quando a mídia apresenta os homens como vítimas de uma crise de identidade masculina, ao passo que eles matam suas esposas ou ex-esposas e às vezes seus filhos.<sup>24</sup>

O discurso da crise da masculinidade se inscreve com mais frequência em uma perspectiva demasiado subjetiva, por exemplo, quando os homens sentem que suas mães, cônjuges ou ex-cônjuges os dominam e quando eles sentem que a sociedade está dominada por mulheres. Essas impressões e esses sentimentos de homens a respeito das mulheres bastam para elaborar grandes teorias sem comparar essas abstrações – essas ideias – com a realidade. Contudo, não é porque eu tenho medo de ser atacado por zumbis ao sair da minha casa que os zumbis existem;<sup>25</sup> e não é porque eu me sinto

---

22 Laikwan Pang, “Masculinity in Crisis: Films of Milkyway Image and Post-1997 Hong Kong Cinema”, *Feminist Media Studies*, vol. 2, n. 3, 2002, p. 325-340.

23 Bryce Traister, *op. cit.*, p. 292.

24 Vivienne Elizabeth, “I’d Just Lose It If There Was Any More Stress in My Life”: Separated Fathers, Fathers’ Rights and the News Media”, *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, vol. 5, n. 2, 2016, p. 107-120.

25 Para uma discussão sobre filmes de zumbis como expressão da crise da masculinidade na América Latina, ver o capítulo “Bromance, Homosociality and the Crisis of Masculinity in the Latin American Zombie Movie”, no livro de Gustavo Subero, *Gender and Sexuality in Latin American Horror Cinema*, Londres, Palgrave Macmillan, 2016.

dominado pelas mulheres que elas dominam realmente a sociedade e os homens.

Tom Harman constitui um exemplo dessa abordagem demasiado subjetiva com seu artigo “The crisis of masculinity as Deleuzian event” (A crise da masculinidade como um evento deleuziano). Ele distinguiu duas posturas adotadas em face dessa crise: a primeira consiste em demonstrar empiricamente que a crise não existe (este livro se aloca nesta categoria); a segunda considera *a priori* que há uma crise, mas sem provar que ela exista. Tom Harman propõe ainda uma terceira direção: constatar que há uma crise desde que haja a dúvida a respeito da identidade masculina e da própria definição de masculinidade. O importante para o autor é “a *autopercepção* dos homens e a percepção dos homens: o *sentimento* de quem e do que eles são” [grifo nosso].<sup>26</sup> A crise é, portanto, ao mesmo tempo autorreferente e puramente subjetiva: basta que eu me pergunte o que significa ser um homem hoje para que a identidade masculina esteja em crise.

Partindo de uma abordagem subjetivista a esse respeito, a crise da masculinidade pode ser postulada como um fenômeno sempre confirmado pela percepção dos homens que se dizem em crise ou que se percebem em crise. Assim, o autor do livro *The Decline of Men* defende que “há um *sentimento* assustador de que os homens são, de qualquer modo, uma espécie de perigo” [grifo nosso].<sup>27</sup> O psicoterapeuta Roger Horrocks explica já na primeira página de seu livro *Masculinity in crisis (Masculinidade em crise)* que “várias ideias nesse livro vêm do [seu] trabalho como psicoterapeuta”, que o permitiu constatar que “muitos homens estão *com vergonha* do

---

26 Tom Harman, “The Crisis of Masculinity as Deleuzian Event”, *Culture, Society & Masculinities*, vol. 3, n. 1, 2011, p. 36.

27 Guy Garcia, *The Decline of Men*, Nova York, Harper Perennial, 2008, p. xvi.

*sentimento* de vazio, de impotência e de raiva” [grifo nosso].<sup>28</sup> Horrocks executou uma pirueta intelectual ao abandonar a realidade institucional e material: “Minha tese é a de que os homens são poderosos econômica e politicamente, mais que as mulheres são poderosas emocionalmente”.<sup>29</sup> Segundo essa abordagem, podemos afirmar que uma dona de casa domina seu marido tímido, mesmo que ela lhe prepare e lhe sirva suas refeições, limpe a residência do casal, lave suas roupas e se ocupe de seus filhos, e mesmo se o homem é o proprietário do domicílio e do carro do casal, que ele tenha um salário e guarde dinheiro para a sua aposentadoria. A dominação aparece aqui como uma questão de caráter e de força psicológica, e não de controle dos recursos e dos benefícios concretos extraídos do trabalho dos outros.

### *Efeitos de um discurso de crise*

Não é porque se trata de um simples discurso que a tese da crise da masculinidade não tenha um efeito sobre o real. Os especialistas em comunicação lembram que as forças políticas e sociais têm frequentemente recorrido ao discurso de uma crise para encorajar a mobilização de recursos em seu benefício.<sup>30</sup> Estudando as reações de diplomatas e de militares diante de situações de crise como guerras civis e de genocídios, Yves Buchet de Neuilly notou que as

---

28 Roger Horrocks, *Masculinity in Crisis*, Nova York, St. Martin's Press, 1994, p. 1.

29 *Ibid.*, p. 26.

30 Marc Raboy, Bernard Dagenais, “Introduction: Media and the Politics of Crisis”, Marc Raboy, Bernard Dagenais (Orgs.), *Media, Crisis and Democracy: Mass Communication and Disruption of Social Order*, Londres, Sage, 1992, p. 3; ver também Colin Hay, “Narrating Crisis: The Discursive Construction of the ‘Winter of Discontent’”, *Sociology*, vol. 30, n. 2, 1996, p. 253-277, e Stephen Hilgartner, C. L. Bosk, “The Rise and Fall of Social Problems: a Public Arenas Model”, *American Journal of Sociology*, 1988, vol. 94, n. 1.

organizações humanitárias evocam as “crises” humanitárias para forçar as instituições internacionais e os Estados a reagir, ou seja, mobilizar os recursos para intervir e solucionar os problemas.<sup>31</sup> Existem até organizações que são especializadas em gestão de crises.

Outros acadêmicos especialistas em comunicação têm notado que “a identificação de uma certa situação como uma ‘crise’ é em si um ato ideológico e político”.<sup>32</sup> O antropólogo David Bidney evocou um “complexo da crise perpétua”<sup>33</sup> para qualificar o hábito das elites políticas de recorrer ao discurso de crise para desacreditar e reprimir as forças contestadoras, apresentadas como a causa da crise em questão e, portanto, como uma ameaça à ordem social. Um discurso de crise pode parecer crível mesmo que não haja turbulências reais e mesmo se o sistema não está verdadeiramente desestabilizado nem ameaçado. Do mesmo modo, os problemas sociais muito importantes podem ser ignorados, ao passo que os falsos problemas ou os problemas menores possam ser vistos como prioridades, segundo as manobras políticas e de movimentos sociais, e de escolha das mídias, ávidas por esses assuntos. Esse discurso de crise é uma manobra política que serve aos interesses de quem o produz, de quem é vítima e de quem merece ajuda. Em outras palavras o discurso de crise é um encorajamento à intervenção, à reação.

Pode ser que se trate de um mesmo fenômeno por parte dos homens que evocam sempre uma crise da masculinidade? Declarar que nós – os homens – estamos em crise pode ter o efeito de

---

31 Yves Buchet de Neuilly, “La crise? Quelle crise?: Dynamiques européennes de gestion des crises. Crises extrêmes, Face aux massacres, aux guerres civiles et aux génocides”, Marc Le Pape, Johanna Siméant, Claudine Vidale (Orgs.), *Crises extrêmes: Face aux massacres, aux guerres civiles et aux génocides*, Paris, La Découverte, 2006, p. 270-286.

32 Marc Raboy, Bernard Dagenais, *op. cit.*, p. 3.

33 David Bidney, *Theoretical Anthropology*, Nova York, Schocken Books, 1953, p. 359.

chamar a atenção para nós e fazer pressão sobre as autoridades para que elas nos direcionem ainda mais serviços e recursos. É possível ver um apelo à ação pública na introdução do livro *The decline of men*, na qual o jornalista Guy Garcia faz uma imagem apocalíptica da crise da masculinidade: “O estado miserável do masculino nos Estados Unidos representa uma *situação ameaçadora de urgência*, tendo ramificações econômicas, sociológicas e culturais ao mesmo tempo para os homens e as mulheres e para as próximas gerações. [...] Como uma *epidemia invisível tendo consequências catastróficas*, o declínio dos homens se constata em todas as idades, em todas as raças e categorias socioeconômicas” [grifo nosso].<sup>34</sup>

Essa dinâmica também foi trazida à luz em um estudo sobre o discurso da “crise do homem soviético”. O debate acerca dessa crise seria disparado em 1970 pelo demógrafo Boris Tsesarevich Urlains, em um artigo publicado na *Literaturnaya gazeta*. Ao longo dos anos 1980, alguns sintomas teriam sido identificados por demonstrarem que os homens estavam em crise, por exemplo, o tabagismo e o alcoolismo, bem como um processo de “feminilização e de infantilização”.<sup>35</sup> O Estado soviético seria responsável por essa crise, dizia-se, porque ele teria emancipado as mulheres e lhes teria aberto o mercado de trabalho. Certamente elas faziam uma dupla jornada, ou seja, o emprego fora de casa somado ao trabalho doméstico (gratuito), mas isso era a marca de seu poder ao mesmo tempo na vida pública e privada. Boris Tsesarevich Urlains tomou como desculpa essa pretensa crise da masculinidade para pedir às autoridades que ajudassem os homens, afirmando ainda que a falta de clínicas especializadas para os homens era a prova de uma discriminação contra os homens da URSS.<sup>36</sup> Declarar que há uma crise da masculinidade pode então

---

34 Guy Garcia, *op. cit.*, p. iii.

35 Elena Zdravomyslova, Anna Temkina, “The Crisis of Masculinity in Late Soviet Discourse”, *Russian Studies in History*, vol. 51, n. 2, 2012, p. 17 e 27.

36 *Ibid.*, p. 19.

visar a colocar em movimento um conjunto de forças e de atores políticos e sociais para que eles tratem como se houvesse uma crise real e, portanto, provocar e favorecer os debates, a criação de grupos e o desenvolvimento de serviços e recursos para os homens, o lançamento de projetos de pesquisa e de estudos, a tomada de cargos públicos de autoridade etc. Após o desmonte do regime soviético, uma escola da masculinidade veio à tona e oferece um currículo “fundamentado na ciência” para transformar os meninos em homens. Trata-se de uma instituição para e pelos homens enquanto homens, para os ajudar a enfrentar e superar a crise. Segundo um dos fundadores dessa escola, a masculinidade é “a capacidade de avançar sem respeito ao medo, à dor ou outros obstáculos”, mas ela está ameaçada pelas mães russas. Muitas mães, diz-se, teriam criado sozinhas os seus filhos em razão da carnificina da Segunda Guerra Mundial, da alta taxa de divórcio e da diminuição da expectativa de vida dos homens após o liberalismo dos anos 1990. Os filhos não aprenderiam a se tornar homens, pois os homens os teriam criado como filhas, problema agravado pela escola, onde as mulheres são maioria no ensino primário e secundário. Segundo Oleg Chagin, diretor do instituto de pesquisa da antropologia social, “o hormônio masculino” não é mais produzido nessas condições, o que acarreta uma “perversão de gênero”. Em parceria com a escola da masculinidade, ele organizou um curso de férias para meninos em que eles deveriam se submeter a exercícios físicos, vestir uniforme militar e aprender a atirar facas e manusear rifles a *laser*.<sup>37</sup>

Esta (re)valorização da masculinidade convencional lembra os trabalhos do cientista político Michel Dobry, que mostrou em seu tratado *Sociologie des crises politiques* (*Sociologia das crises políticas*) que os atores capturados em uma crise real ou subjetiva geralmente

---

37 Eva Hartog, “Moscow School Teaches Russian Boys to Look Up to Cavemen”, *Moscow Times*, 11 dez. 2015, p. 11-12.

escolhem retomar as mesmas práticas e as mesmas identidades para reagir à situação. Melhor ainda, alguns sistemas são habituados à recorrência das crises ao ponto de ter desenvolvido “um conjunto de rituais” para controlar a situação.<sup>38</sup>

O discurso de crise pode também se referir às ações individuais. Assim, o Super Bowl de 2010 foi a ocasião para as agências publicitárias evocarem a crise da masculinidade nas propagandas televisivas “para estimular os homens a comprarem” automóveis e outros produtos associados à virilidade.<sup>39</sup>

Do mais, o discurso da crise da masculinidade é uma ferramenta para mobilizar os homens (e possivelmente algumas mulheres) contra a ameaça que representaria o feminismo e as mulheres emancipadas, mesmo que os homens fossem tão claramente dominantes na sociedade. A socióloga Anne-Marie Devreux afirmou que o discurso da crise da masculinidade é “um discurso dos dominantes” e “que um estado de crise surge a cada vez que uma dominação é colocada em questão”.<sup>40</sup> Analogamente, a antropóloga francesa Mélanie Gourarier constatou que esse discurso funciona como um “vetor de mobilização, necessário à manutenção de uma posição de força”<sup>41</sup> dos homens em relação às mulheres. Por se acharem em crise e em sofrimento, os homens podem (re)afirmar uma identidade masculina definida em função de critérios convencionais que justificam e consolidam sua dominação sobre as mulheres: ação, ordem, autoridade, força, luta, violência. Mais precisamente, Mélanie Gourarier considera que o

---

38 Michel Dobry, *Sociologie des crises politiques*, Paris, Presses de Sciences Po, 2009, p. 319-320.

39 Kyle Green, Madison Van Oort, “‘We Wear No Pants’: Selling the Crisis of Masculinity in 2010 Super Bowl Commercials”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. 38, n. 3, 2013, p. 715-716.

40 Virginie Poyetton, “Les hommes vont mal. Ah bon?”, *Le Courrier*, 18 mar. 2005.

41 Mélanie Gourarier, *Alpha mâle: séduire les femmes pour s'apprécier entre hommes*, Paris, Seuil, 2017, p. 11-12.

discurso da crise da masculinidade produz ao menos três efeitos: 1) ele insiste sobre a divisão da sociedade em duas classes de sexo, os homens e as mulheres; 2) ele define os critérios de pertencimento a essas duas classes ao retomar as qualidades masculinas e os defeitos femininos (ele define aquilo que deve ser um homem, um verdadeiro); e 3) ele chama à mobilização para reafirmar essa masculinidade por meio de privilégios e poder de classe dos homens, considerado como superior por natureza e que, portanto, deve ser reinstalada, protegida e mantida a superioridade.<sup>42</sup>

O discurso da crise da masculinidade é um discurso *supremacista* na medida em que ele surge podendo retomar as expressões “supremacia masculina” e “supremacista masculino” propostas nos anos 1970 pelas feministas e pelos antirracistas nos Estados Unidos, ecoando o supremacismo branco de grupos como a Ku Klux Klan.<sup>43</sup> Se o supremacismo branco é uma crença segundo a qual as pessoas de pele branca são superiores às outras “raças” e deveria, por isso, dominar a sociedade, os supremacistas masculinos defendem a supremacia dos homens sobre as mulheres, ou seja, o poder dos homens – em razão do seu gênero – de dominar, de oprimir, de se apropriar e excluir as mulheres. Do mais, os valores associados à masculinidade são considerados como superiores aos valores associados ao feminino, e as identidades devem permanecer puras e serem protegidas de toda hibridização que acarretaria uma contaminação, uma degradação, um declínio ou mesmo um

---

42 *Ibid.*, p. 38-40.

43 A poetisa e romancista Marge Piercy falou em supremacistas em 1970 (em Larry S. Williams, *Ideologies of the Men's Movement*, dissertação de mestrado, University of Missouri – Columbia, 1989, p. 38), e o afro-americano Gary Lemons propõe uma analogia entre supremacista branco e supremacista masculino, em “A New Response to ‘Angry Black (anti)Feminists’: Reclaiming Feminist Forefathers, Becoming Womanist Sons” (Tom Digby [Org.], *Men Doing Feminism*, Londres, Routledge, 1998, p. 288). Ver também “Male Supremacy”, do Southern Poverty Law Center, 2017 ([www.splcenter.org](http://www.splcenter.org)).

desaparecimento. Enfim, o supremacista masculino tem também a tendência a encorajar o desprezo e o ódio contra as mulheres em geral e as feministas em particular.

### *Pânico e declínio fatal*

Uma forma particular de discurso da crise da masculinidade provém da tese do declínio fatal, o qual encontramos com frequência no discurso conservador e reacionário.<sup>44</sup> Segundo essa tese, uma concessão, mesmo limitada, a certas reivindicações de movimentos sociais abre as portas para uma transformação maior na sociedade.

Nesse sentido, sem a necessidade de que a igualdade seja alcançada, uma simples progressão em direção a ela é suficiente para provocar uma crise da masculinidade.

Na França, frequentemente sugere-se que “a dominação masculina [...] saiu alterada de maneira irreversível” da Declaração dos Direitos do Homem proclamada pelos revolucionários em Paris em 1789. Como essa declaração estabelece o princípio da igualdade fundamental entre os seres humanos, ela teria provocado uma “ameaça de identidade [dos] indivíduos masculinos confrontados com a desestabilização de seu estatuto”.<sup>45</sup> Uma variante dessa tese é proposta por Éric Zemmour, para quem “a decapitação de Luís XVI havia anunciado a morte de *todos os pais*” [grifo do autor], mesmo que estes fossem os homens que o acusaram, julgaram, condenaram, decapitaram e que tenham tomado seu lugar no ápice do Estado.<sup>46</sup> Os revolucionários que anunciaram a Declaração concordaram em

---

44 Marc Angenot, *Dialogues de sourds: traité de rhétorique antilogique*, Paris, Fayard, 2008.

45 André Rauch, *op. cit.*, p. 9, ver também p. 252.

46 Éric Zemmour, *Le suicide français*, Paris, Albin Michel, 2014, p. 29.

sua Assembleia Nacional – reservada exclusivamente aos homens – a não conceder às mulheres os direitos de votar e de serem eleitas, de portar armas ou até de se reunirem entre si em sociedades ou clubes políticos. Os revolucionários prezavam a liberdade e a igualdade, mas, sobretudo, a *fraternidade*.<sup>47</sup> No entanto, a ilusão é mais forte do que a realidade para quem procura decretar uma crise da masculinidade: é a declaração de igualdade que teria provocado angústia nos homens, e não a realidade de sua dominação na Assembleia Nacional tanto quanto no exército e nos tribunais, então formados unicamente por homens. Novamente, um simples discurso de igualdade *entre os homens* é suficiente para afirmar que há uma crise real, mesmo que a igualdade *entre os sexos* fosse inscrita na Constituição francesa somente em 1944 (segundo o Acordo de Argel).

Nos Estados Unidos, a autora do livro intitulado *The end of men*, Hanna Rosin, domina perfeitamente a retórica do declínio fatal. Ela admite claramente que, por enquanto,

*as mulheres não ganham tanto dinheiro quanto os homens. Com mais frequência, elas se dedicam à educação das crianças, e os cargos de responsabilidade ainda são monopolizados pelos homens. Mas a economia avança a uma velocidade tal que essas estatísticas merecem ser consideradas mais como o último vestígio de uma era passada do que como um estado realmente inevitável [grifos nossos].*<sup>48</sup>

Isso lhes permite anunciar “o fim dos homens” (mesmo que eles ainda dominem): “as apostas estão feitas [...]. Nós não podemos mais ficar para trás”.<sup>49</sup>

---

47 Carole Pateman, *Le contrat sexuel*, Paris, La Découverte, 2010.

48 Hanna Rosin, *op. cit.*, p. 17.

49 *Ibid.*, p. 9.

Tendo seu livro rapidamente traduzido para alemão, Hanna Rosin respondeu algumas questões ao jornal *Spiegel*, o qual a lembrou que os homens nos Estados Unidos controlam ainda amplamente o Congresso e que eles dirigem as maiores companhias privadas do mundo. Sem se desarmar, a autora respondeu: “Sim, claro. Mas o que eu descobri é que há uma *mudança enorme* emergindo em nossa sociedade. *De repente*, há todas essas jovens mulheres que são mais educadas e que ganham mais dinheiro que os homens de mesma idade. [...] As pessoas tendem a *subestimar essa realidade*” [grifo nosso]. Haveria, portanto, uma tendência oculta de as mulheres ganharem terreno enquanto os homens perdem, o que explicaria nosso “fim”.<sup>50</sup>

Não há nada de novo nessa tese do declínio fatal para explicar a crise da masculinidade. Em 1992, no Quebec, a revista *L'Actualité* (A Atualidade) publicou um artigo intitulado “Pena dos meninos: uma geração castrada”. Um sexólogo afirmou nesse artigo que os homens carecem de modelos masculinos:

*Ser um homem não é mais uma coisa muito interessante. Para as mulheres, tudo parece doravante possível. A pedido delas, podemos suplicar que façam uma carreira científica. Que pilotem aviões, sejam bombeiros, policiais [...] Para os meninos, vai tudo muito mal! Eles parecem convidados a tocar, assim, o segundo violino.*<sup>51</sup>

Vamos ver o que temos 25 anos após esse apelo à pena pelos meninos castrados.

---

50 Samiha Shafy, “Hanna Rosin on America’s Male Identity Crisis”, *Spiegel*, 1 abr. 2013.

51 Citado em: Pierrette Bouchard, Isabelle Boily e Marie-Claude Proulx, *Réussite scolaire comparée selon le sexe: catalyseur des discours masculinistes*, Ottawa, Condition féminine Canada, 2003, p. 28.

Por parte da polícia, é verdade que a situação evoluiu melhor para as mulheres, já que o serviço policial da Cidade de Montreal conta agora com a maior proporção de mulheres em um corpo policial canadense. Mas os homens ainda representam 68% dos efetivos.<sup>52</sup> Quanto à Guarda Real do Canadá, orgulhoso símbolo da identidade canadense, encontramos aproximadamente 80% de homens. Um recurso coletivo denunciando o assédio sexual e a discriminação com base no sexo ou na orientação sexual foi finalmente resolvido por um regulamento em 2017, por isso aproximadamente mil mulheres deverão ser indenizadas financeiramente.<sup>53</sup> Portanto, as mulheres estão ainda distantes de terem atingido a igualdade na polícia, e seu avanço dentro dela se faz ao preço de dores e de violências. E o que temos na aviação? Vinte e cinco anos após a publicação desse artigo afirmar que nós “suplicamos” para que as mulheres se tornem pilotas, os homens ocupam 95% das cadeiras de piloto no Canadá.<sup>54</sup> E nos quartéis dos bombeiros? Em 2017, a cidade de Montreal contava com 29 mulheres de um total de 2.411 bombeiros, somando aproximadamente 1,2%.<sup>55</sup> O número de mulheres aumenta em um ritmo tão lento que será necessário mais de mil anos para atingir a paridade.<sup>56</sup>

Na França também, o argumento do declínio fatal é utilizado para explicar que os homens estão em crise. Assim, o sociólogo Daniel Welzer-Lang, antigamente destaque pró-feminista nos meios

---

52 Relatório SPVM 2016.

53 Radio-Canada, “Les agentes de la GRC victimes de harcèlement sexuel seront indemnisées”, 31 maio 2017 [<http://ici.radio-canada.ca/nouvelle/1037108/harcelement-sexuel-grc-reglement-action-collective-approuve>].

54 “Encore trop peu de femmes pilotes”, Radio-Canada, 22 jun. 2017 [<http://ici.radio-canada.ca/nouvelle/1041329/alberta-calgary-aviation-avion-pilote-feminisme-femme>].

55 Segundo o relatório de atividades de 2016, apresentado pelo serviço de segurança de incêndio de Montreal no Hotel de Ville, em 28 de junho de 2017.

56 Isabelle Laporte, “La femme des casernes”, *Le Devoir*, 6 jan. 2007.

progressistas, publicou em 2009 *Nous, les mecs: Essai sur le trouble actuel des hommes* (Nós, os rapazes: ensaio sobre o problema atual dos homens), no qual afirma que “nossos modelos masculinos estão em crise”.<sup>57</sup> É necessário dizer que as associações feministas francesas têm alegado que esse autor tem importunado sexualmente “de maneira recorrente” as estudantes sob sua orientação. Ele interpôs um processo por difamação contra as feministas, que ao final foram absolvidas pelo tribunal por anulação processual e por boa-fé.<sup>58</sup> Em seu livro lançado depois desse episódio, ele retoma os elementos centrais do discurso da crise da masculinidade: os homens estão alienados e por vezes dominados, eles são representados na sociedade como sacanas, eles sofrem na escola, eles sofrem de discriminação e... eles são falsamente acusados de violência conjugal. O sociólogo adota a tese do declínio fatal quando ele fala do “edifício da dominação masculina que *se desfaz e se desmorona paulatinamente*” [grifo nosso]. Para provar, ele menciona que “[o] exército e a polícia [ainda!], esses braços armados do Estado, estão triturados. Avessos e contra todos. Com exceção da Legião estrangeira, as mulheres estão por toda a parte. Ainda não é paritário, mas isso *avança rápido*” [grifo nosso].<sup>59</sup>

57 Daniel Welzer-Lang, *Nous, les mecs: Essai sur le trouble actuel des hommes*, Paris, Payot, 2009, p. 65 e 28.

58 “Polémique: Welzer-Lang, la contre-attaque”, *La Dépêche*, 14 mar. 2007 [http://www.ladepeche.fr/article/2007/03/14/19153-polemique-welzer-lang-la-contre-attaque.html]; “Toulouse: Le sociologue soupçonné de harcèlement sexuel perd son procès en diffamation”, *La Dépêche*, 30 maio 2017 [http://www.ladepeche.fr/article/2007/05/30/21585-toulouse-sociologue-soupconne-harcèlement-sexuel-perd-proces-diffamation.html]. Ver também o texto “Chantage et abus de pouvoir dans les universités”, *Bulletin de l'Association nationale des études féministes* (ANEF), n. 46, 2005, p. 97-100 [http://www.anef.org/wp-content/uploads/2014/03/46-PRINTEMPS-2005.pdf].

59 Daniel Welzer-Lang, *op. cit.*, p. 94 (Le sociologue propose d'abandonner l'étude du travail domestique dans les couples hétérosexuels pour mesurer l'égalité, pour considérer plutôt les statistiques concernant “les rapports bucco-génitaux, fellation et cunnilingus”, “Ces chiffres traduisent la marche rapide vers l'égalité, selon lui”, p. 98-100).

Quando seu livro chegou às livrarias, o exército francês não contava com mais do que 14% de mulheres junto aos militares da ativa.<sup>60</sup> Seis anos mais tarde, o número de mulheres havia baixado para 13%, ou seja, um recuo de 1%!<sup>61</sup> A paridade no exército “avança rápido”, dizia o autor para estimular o pânico masculino...

Segundo seu argumento do declínio fatal, o discurso da crise da masculinidade é, portanto, uma “nova alternativa”, *fake news* antes da hora. A “dificuldade atual dos homens” se assemelha ao medo dos fantasmas: em pânico por coisas que nem existem, mas os charlatões ou os propagandistas querem provar que nós temos razão de entrar em pânico.

Mesmo um sociólogo simpático às mulheres, Alain Touraine, lançou no começo dos anos 2000 uma enquête junto às mulheres, cujo resultado ele apresentou em um livro intitulado *Le monde des femmes* (*O mundo das mulheres*). Touraine defendeu a ideia de que “nós não avançamos em direção a uma sociedade de igualdade entre homens e mulheres; [...] nós já entramos em uma cultura (portanto, em uma vida social) orientada (e por consequência *dominada*) pelas mulheres” [grifo nosso].<sup>62</sup> Touraine definiu que “os homens têm o poder e o dinheiro, mas as mulheres já têm o significado das situações vividas e a capacidade de as formular”. É isso que permite a esse sociólogo afirmar que o homem “se tornou mais frágil, menos integrado, em contrapartida ao sucesso das mulheres na recomposição do mundo. O homem está muito abalado pelos estilhaços da violência” (contra

60 <http://www.defense.gouv.fr/sga/a-la-une/les-femmes-militaires-aujourd-hui>

61 Segundo o documento “Les femmes dans l’armée française”, Ministério da Defesa [[www.defense.gouv.fr/content/.../Les+femmes+dans+larmee+francaise-diptyque.pdf](http://www.defense.gouv.fr/content/.../Les+femmes+dans+larmee+francaise-diptyque.pdf)]. A queda também é discutida em: Tatiana Chadenat, “L’armée française, l’une des plus mixtes au monde malgré les résistances”, *Madame Le Figaro*, 23 abr. 2015.

62 Alain Touraine, *Un nouveau paradigme: Pour comprendre le monde d’aujourd’hui*, Paris, Fayard, 2005, p. 321.

quem?) “ou sente as dificuldades para comunicá-la”.<sup>63</sup> Touraine falava de um “mundo de mulheres” enquanto estas não ocupavam mais do que 12% das cadeiras da Assembleia Nacional, 13,5% dos cargos de direção de empresas e não chegavam a 20% nos quadros acadêmicos e de pesquisa (meio frequentado por Alain Touraine há décadas). Dito isso, 97% das secretárias eram mulheres.<sup>64</sup> Que um sociólogo especialista dos movimentos sociais evoque, então, “a vitória do feminismo”<sup>65</sup> e mesmo do “pós-feminismo”<sup>66</sup> é, no mínimo, perturbador.

A tese do declínio fatal não é, portanto, uma questão de realidade, de fato ou de números, mas de percepção, de sentido, de *meaning*, ou mesmo de intuição, de *feeling*. A lógica da abordagem idealista aparece mais claramente quando o jornal alemão *Spiegel* lembrou a autora de *The end of men* que os homens na Alemanha ainda ocupam os cargos dominantes nas esferas de poder político e econômico. Assim como nos Estados Unidos, isso não parece perturbar aqueles que anunciam o fim dos homens: “Os universitários alemães *me disseram* que os homens na Alemanha passam por uma crise extrema de identidade, mesmo que a divisão do poder não tenha mudado tanto assim *até o presente*. Portanto, a questão é: por que os homens alemães *se sentem sitiados* se, de um ponto de vista objetivo, eles não estão *realmente*” [grifo nosso].<sup>67</sup> É, portanto, possível declarar o fim dos homens porque eles *dizem* que se *sentem* sitiados pelas mulheres, mesmo que eles não estejam *realmente*.

Entre a realidade objetiva (materialismo) e a percepção subjetiva (idealismo), mais vale optar pela segunda se ela permitir fundamentar uma tese falaciosa que nós procuramos defender e vender.

---

63 *Ibid.*, p. 332.

64 Margaret Maruani (Org.), *Femmes, genre et sociétés: L'état des savoirs*, Paris, La Découverte, 2005, p. 453-454.

65 Alain Touraine, *op. cit.*, p. 325.

66 *Ibid.*, p. 333.

67 Samiha Shafy, *op. cit.*



*O discurso de uma masculinidade em crise é milenar.* Seus primeiros registros remontam à Roma Antiga, quando, em 195 a.C., Catão já escrevia: “as mulheres tornaram-se tão poderosas que nossa independência está comprometida dentro de nossas próprias casas, ridicularizada, espezinhada em público”. Neste livro, o professor Dupuis-Déri analisa com rigor e ironia esse discurso de crise ao longo dos tempos e nas mais diversas sociedades. Muitas vezes revestido de uma crítica ao feminismo, esse discurso busca muito mais emplacar uma agenda antiemancipação feminina do que propor uma solução. Crise da masculinidade é o nome que esses homens dão para seus mal-estares e para o eterno desencontro com o outro sexo por tomá-lo como sexo oposto.

*Paulo Victor Bezerra*



ISBN 978-65-5506-078-2

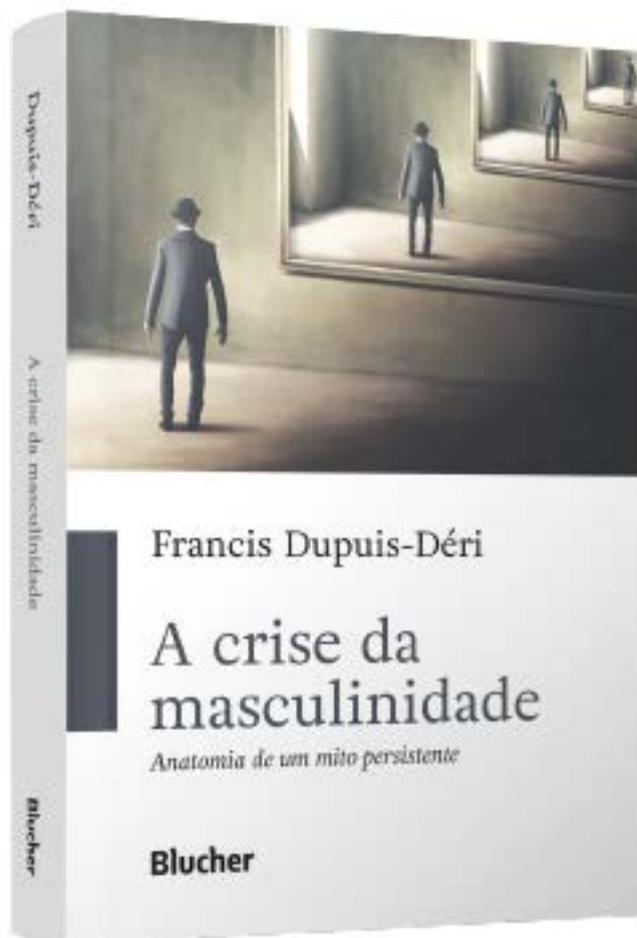


9 786555 060782



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## **A Crise da Masculinidade**

Anatomia de um mito persistente

---

**Francis Dupuis-Déri**

ISBN: 9786555060782

Páginas: 384

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022

Peso: 0.418 kg

---